

DEPOIS DA DENGUE E DA CHICUNGUNHA

O novo vírus do 'Aedes'

Conhecido como zika, já há casos confirmados no Nordeste e suspeitos no Rio

FLAVIA MILHORANCE
flavia.milhorance@oglobo.com.br

Transmitido pelos mesmos mosquitos da dengue e da chicungunha, um novo vírus, conhecido como zika, começou a circular pelo Brasil. Os primeiros casos foram confirmados este mês na Bahia, e agora cientistas comprovaram a presença do vírus também no Rio Grande do Norte. Há ainda relatos, não confirmados, de pacientes nos estados nordestinos de Maranhão, Pernambuco, Sergipe e Paraíba, além de suspeitas no Rio de Janeiro. Os sintomas das três doenças são parecidos, mas a preocupação de pesquisadores é, especialmente, com uma eventual ocorrência de surtos simultâneos, o que poderia provocar complicações mais sérias.

As amostras de 21 pacientes de Natal foram analisadas por cientistas da Fiocruz, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande Norte. Eles aplicaram testes moleculares desenvolvidos por países com maior incidência da doença e comprovaram que o material genético de oito delas era do novo vírus. Nos demais, garantem não se tratar de dengue nem chicungunha.

— Possivelmente são também zika vírus, mas não conseguimos comprovação porque o vírus circula no sangue do indivíduo por dois ou três dias, e os testes não são tão sensíveis para detectá-lo depois desse período — explica a virologista Cláudia Nunes Duarte dos Santos, coordenadora da pesquisa e chefe do Laboratório de Virologia Molecular do Instituto Carlos Chagas/Fiocruz Paraná. — Esses dados mostram que, de fato, a doença está se dispersando no país.

Além dos sintomas parecidos com os da dengue e da chicungunha — dores nas articulações, no corpo e de cabeça, febre, náuseas, diarreia e mal-estar — o zika vírus ainda pode causar fotofobia, conjuntivite e erupções cutâneas por todo o corpo, incluindo as palmas das mãos e as plantas dos pés, acompanhadas de muita coceira. Após a picada do mosquito, os sinais aparecem entre três a 12 dias e duram de quatro dias a uma semana. Especialistas afirmam, entretanto, que são sinais mais brandos que os das outras duas doenças e que não há mortes registradas. A preocupação, na verdade, é a da co-infecção.

— Ela parece menos grave, mas é possível adquirir os três vírus ao mesmo tempo, e não sabemos o curso clínico dessa co-infecção com o zika vírus, para o qual não temos imunidade — pondera Cláudia. — Há necessidade de uma investigação profunda para esclarecer isso e adequar os tratamentos.

No Rio de Janeiro, sintomas de alguns pacientes vêm confundido pesquisadores da Fiocruz, que, após testar uma série de doenças, decidiram enviar amostras desses indivíduos para avaliação no Paraná. A unidade já vinha trabalhando com outros vírus, e foi a responsável pelo isolamento do chicungunha em Feira de Santana, na Bahia, município que vive surto da doença.

— No Brasil, desde o ano passado, um número crescente de pacientes vem apresentando os sintomas da doença. Temos relatos até na Região Norte — acrescenta Cláudia.

Existem dois tipos de cepas do zika vírus: uma asiática e outra africana. A pesquisa realizou o sequenciamento genético do material encontrado em Natal, e os dados "indicam fortemente" que se trata da cepa asiática, diz Cláudia. O próximo passo da pesquisa será identificar como e quando ela foi introduzida no Brasil. A hipótese mais provável é que o vírus tenha chegado no país por meio de visitantes estrangeiros durante a Copa do Mundo.

MINISTÉRIO FAZ NOVOS TESTES

No caso da Bahia, 12 amostras do zika vírus foram confirmadas no dia 29 de abril em pacientes do município de Camaçari. Segundo a Universidade Federal da Bahia (UFBA), responsável pela descoberta, a doença também tem acometido indivíduos de Salvador, Feira de Santana e outros municípios baianos.

Tanto os resultados da Bahia quanto os do Rio Grande do Norte foram encaminhados para o Ministério da Saúde, que afirma que as amostras serão analisadas ainda pelo Instituto Evandro Chagas de Belém e o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC). Segundo o ministério, a confirmação ocorrerá

A EXPANSÃO DA DOENÇA

DESCOBERTO EM 1947, O ZIKA VÍRUS COMEÇA A CIRCULAR NO PAÍS

CASOS NO BRASIL



Fontes: Fiocruz/Paraná, UFBA e Opas

NO MUNDO



ÁFRICA

- 1 Uganda (1947)
- 2 Nigéria (1968)
- A partir daí foram registrados casos em:
- 3 Tanzânia
- 4 Egito
- 5 Serra Leoa
- 6 Gabão
- 7 República Centro-Africana

ÁSIA

- 8 Índia
- 9 Malásia
- 10 Filipinas
- 11 Tailândia
- 12 Vietnã
- 13 Indonésia

OCEANIA

- 14 Ilha Yap (2007)
- 15 Polinésia Francesa (2013)

AMÉRICA LATINA

- 16 Nova Caledônia (2014)
- 17 Ilhas Cook (2014)
- 18 Ilha de Páscoa, no Chile (2014)

BRASIL

- 19 Dois estados com casos confirmados e sete com suspeitos em 2015

TRANSMISSÃO

O zika vírus é transmitido pela picada dos mosquitos *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*.



EVOLUÇÃO DA DOENÇA

Sintomas
Parecidos com os da dengue e da chicungunha, como febre, náuseas e mal-estar.

Dores nas articulações
Fotofobia
Dor de cabeça
Diarreia

Outros sintomas
Fotofobia, conjuntivite, erupções cutâneas e muita coceira.

Duração
Após a picada do mosquito, os sinais aparecem entre três a 12 dias e duram de quatro dias a uma semana.

Edição de Arta



“Dados mostram que, de fato, a doença está se dispersando no país”

Cláudia Nunes Duarte dos Santos
Chefe do Laboratório de Virologia Molecular do Instituto Carlos Chagas/Fiocruz Paraná

somente após o laudo do laboratório de referência.

Os mosquitos transmissores da doença são os já conhecidos *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*, presentes em países do continente americano que sofrem surtos de dengue e chicungunha. Por isso, embora ainda não existam casos recentes confirmados no continente — apenas um foi registrado, em fevereiro de 2014, na Ilha de Páscoa, no Chile —, há a possibilidade de a doença estar se disseminando silenciosamente, segundo Cláudia.

— É bem provável que o zika vírus esteja passando despercebido.

Por conta disso, a Organização de Saúde Pan-Americana (Opas), ligada à Organização Mundial de Saúde (OMS), alertou sobre o risco de ocorrência de surtos. “A ampla distribuição do vetor nas Américas, combinada à alta mobilidade de pessoas na região e no mundo, representa um risco de disseminação do zika vírus no continente americano”, diz o comunicado publicado dia 7 de maio.

O órgão recomenda que a vigilância do patógeno deve ser organizada com base no mesmo sistema já existente para a dengue e o chicungunha, tendo em conta as diferenças clínicas. “O controle do mosquito é a única medida que pode interromper a transmissão de vírus por vetores”, acrescenta.

Nova no continente americano, a doença foi descrita pela primeira vez em 1947, num macaco rhesus, durante um

estudo de transmissão da febre amarela, na Floresta de Zika, em Uganda. Cerca de 20 anos depois, foi comprovado em humanos na Nigéria. E, a partir daí, espalhou-se por regiões da África — em países como Tanzânia, Egito, Serra Leoa e Gabão — e Ásia — Índia, Malásia, Filipinas, Tailândia, Vietnã e Indonésia —, alcançando em seguida a Oceania.

Em 2007, ocorreu um surto na Ilha Yap, na Micronésia, onde 185 casos foram registrados.

MEDICAMENTOS A SEREM EVITADOS

Em 2013, um surto atingiu a Polinésia Francesa. Na ocasião, não houve mortes. Porém, dos dez mil casos registrados, 70 foram considerados graves, apresentando complicações neurológicas — síndrome de Guillain Barré e meningoencefalite — e — púrpura trombocitopênica e leucopenia. Estudos estão sendo realizados para investigar se ocorreram devido à co-infecção com outros vírus, já que havia uma epidemia simultânea de dengue.

Não existe vacina para nenhuma dessas doenças. O tratamento, portanto, é apenas sintomático. Recomenda-se o uso de paracetamol para aliviar a febre, além de anti-histamínicos contra a coceira. Assim como na dengue, o uso de aspirina (ácido acetilsalicílico) e drogas anti-inflamatórias é desaconselhado, devido ao risco de sangramentos. Os pacientes também devem beber bastante líquido. ■

Um dos principais destaques do mapeamento é o Parque Nacional da Tijuca, que ainda contém 96,8% de remanescentes florestais. Entre as unidades administradas por municípios, o Parque Natural Montanhas de Teresópolis é o que conta com maior proporção de remanescentes da Mata Atlântica — eles correspondem a

públi-
és reg-
1.666,
çoada,
as bre-
errup-
diciais
a avali-
se che-
mento,
preço.
Secreto
dimen-
probas.
le con-
a dis-
ção de
itações
lo crit-
o Lava-
ador do

me Di-
nspira-
ras no-
ento si-
fo sem
se úm-
ra agli-
foi es-
limpia-
ograma
C).
o RDC,
nfraes-
afirma
estrita-

a resul-
do dois
de em-
ntrata-
primei-
jeto), a
ara ex-
nota.
tegrado
sto exe-
empresa
empre-
va, ba-
assim
depar-
ontra-
lo em-
atadas.
utora é
inar de
ria ter-
nário.

seguem
ão dir-
ecursos
— como
m ates-
odos os
gresso
o paga

ados o
crítico
: a ob-
rma a
geral,
erênc
: ban-
respo-
ira.
1 Uni-
a cor-
stru-
curs-
no c
: mo-
im c

i ob-
no
tello

Rio ainda tem 30% de Mata Atlântica

Mapa de precisão levantamentos anteriores. Até agora, o monitoramento



envolvimento econômico e a segurança da população — assegura Márcia. — A montagem de parques atrai turistas, incentiva o setor hoteleiro e atrai outros serviços. E seu uso nos planos diretores permite que os municípios coordenem o manejo de comunidades, protegendo-as de desastres naturais.